



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

ELIZAMA OEIRAS DIAS

**AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO RESPEITOSA NA CRECHE: NARRATIVAS DE
PROFESSORAS**

CASTANHAL
2022

ELIZAMA OEIRAS DIAS



AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO RESPEITOSA NA CRECHE: NARRATIVAS DE PROFESSORAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Orientador: Prof. Adriano Sales dos Santos Silva



CASTANHAL
2022

(Página destinada à inclusão da ficha catalográfica) Acesse

<http://bcficat.ufpa.br/> para gerar a ficha catalográfica

ELIZAMA OEIRAS DIAS

**AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO RESPEITOSA NA CRECHE: NARRATIVAS DE
PROFESSORAS**



Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

(Prof. Msc. Adriano Sales dos Santos Silva – Orientador)
UFPA

(Prof.^a Dra. Elisa de Nazaré Gomes Pereira)
SEDUC-PA

(Prof. Dr. Madison Rocha Ribeiro)
UFPA



Ao Todo-poderoso Deus, aquele que tornou esta e muitas outras vitórias possíveis.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro lugar, por ser meu porto seguro, minha fonte de inspiração e amor, e por ter me dado condições de lutar e alcançar meus objetivos.



Aos meus pais, Fausto e Marta, pelo apoio, pelos conselhos, pelas orações, pelo amor incondicional, e por muitas vezes abrirem mão dos seus sonhos para que os meus se tornassem possível.

Ao meu irmão Elizeu pela parceria, pelo apoio, pelo cuidado e por fazer o possível para me ver bem.

À minha vó Veneranda por todo o carinho.

À tia Mercês, a pessoa com quem sempre pude contar e que sempre me incentivou a ir atrás dos meus sonhos.

Aos meus amigos pela compreensão, por todo carinho e por entenderem muitas vezes minha ausência durante esse processo.

Às minhas amigas da universidade Monique, Hevelly, Laila, Fernanda, Alexia e Franciele, pela parceria, por todos os momentos compartilhados e por deixarem a jornada acadêmica mais leve.

Às minhas amigas e parceiras de estágio Edmila e Yasmim, pelos momentos compartilhados, pela troca de experiências e por toda a parceria.

Ao berçário 2, minha primeira turminha da creche, vocês foram minha primeira experiência com a vida docente e me ensinaram lições de vida muito valiosas, posso dizer com toda certeza que sou uma pessoa muito melhor por todo aprendizado que me proporcionaram.

À pequena Rayssa, por ser a criança que me mostrou que a afetividade e o respeito são à base de uma educação saudável.

Às docentes entrevistadas por se disponibilizarem em participar deste trabalho de pesquisa contribuindo significativamente através de suas narrativas.

À todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento desta pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

Ao meu orientador, Prof. Msc. Adriano Sales dos Santos Silva, pelas valiosas e enriquecedoras orientações e por mostrar-me a abertura de novos caminhos para meu crescimento acadêmico.



À minha banca, por terem atendido ao convite para desempenhar este papel, dispondo de seu tempo e conhecimento para analisar este trabalho.

À Universidade Federal do Pará e a todo corpo docente por todo os ensinamentos que me proporcionaram no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

Por fim, queria agradecer à mim, Elizama Oeiras Dias, por não ter desistido, por todo esforço, pelas renúncias que tive que fazer, pelas madrugadas a fora estudando e pela decisão de dar o meu melhor para que meus futuros alunos tenham uma educação baseada em amor e respeito.



RESUMO

O presente estudo tem como objetivo central compreender como as relações afetivas e educação respeitosa entre professoras e estagiária podem influenciar no desenvolvimento dos bebês na faixa etária de um e dois anos de idade. O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu em decorrência de minha experiência de estágio em uma creche, visto que o mesmo contribuiu de forma significativa para minha formação. Desse modo, assumo a pesquisa narrativa como suporte epistemológico neste estudo, por esta compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem pelos quais os sujeitos estão inseridos. Portanto, constitui o *corpus* desta pesquisa por meio de entrevistas com perguntas abertas gravadas em áudio, e posteriormente transcritas e analisadas. Os sujeitos da pesquisa são: duas professoras e uma estagiária, todas atuam na mesma instituição. Neste estudo utilizei como principal fonte teórica as obras da autora Jane Nelsen, precursora e principal idealizadora da Educação Respeitosa. Diante dos resultados obtidos a partir das narrativas das docentes e de minha própria vivência com essa abordagem prática e filosófica, constatei que a educação respeitosa e a afetividade andam juntas na construção de crianças responsáveis, cooperativas, e que tenham respeito por si e pelos outros. Além disso, auxiliam os adultos a lidarem com os desafios de colocar limites e, ao mesmo tempo, formar vínculos afetivos com as crianças.

Palavras-chave: afetividade, educação respeitosa, creche.



ABSTRACT

The main objective of this study is to understand how affective relationships and respectful education between teachers and interns can influence the development of babies in the age group of one and two years old. The interest in developing this research arose as a result of my internship experience at a day care center, as it contributed significantly to my training. Thus, I assume narrative research as an epistemological support in this study, as it understands the formation, knowledge and learning processes through which the subjects are inserted. Therefore, it constitutes the corpus of this research through interviews with open questions recorded in audio, and later transcribed and analyzed. The research subjects are: two teachers and an intern, all of whom work at the same institution. In this study I used as the main theoretical source the works of author Jane Nelsen, precursor and main creator of Respectful Education. In view of the results obtained from the teachers' narratives and my own experience with this practical and philosophical approach, I found that respectful education and affection go together in building responsible, cooperative children who have respect for themselves and others. In addition, they help adults to deal with the challenges of setting limits and, at the same time, forming emotional bonds with children.

Keywords: affectivity, respectful education, daycare.



SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 - MINHA TRAJETÓRIA COMO ESTAGIÁRIA NA CRECHE E AS BASES DA EDUCAÇÃO RESPEITOSA..... | 13 |
| 1.1. O caso Vitória..... | 18 |
| 1.2. Ferramentas utilizadas no estágio..... | 20 |
| 2 - O PERCURSO INVESTIGATIVO E OS SUJEITOS DA PESQUISA..... | 25 |
| 2.1. Definição do problema de pesquisa..... | 26 |
| 2.2. Objetivos..... | 26 |
| 2.3. Perfil das entrevistadas..... | 26 |
| 3 - A AFETIVIDADE E A EDUCAÇÃO RESPEITOSA NA CRECHE: APONTAMENTOS A PARTIR DOS RELATOS DAS DOCENTES..... | 29 |
| 3.1. O aspecto afetivo e a relação professor/aluno..... | 29 |
| 3.2. Previsibilidade ritual..... | 31 |
| 3.4. Comportamentos desafiadores e o afeto..... | 34 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 38 |
| REFERÊNCIAS..... | 39 |



APÊNDICE – Termo de consentimento..... 42

INTRODUÇÃO

A iniciação na vida escolar é um processo desafiador tanto para a criança quanto para a família. Isso se torna ainda mais evidente quando se trata da Educação Infantil. Segundo a BNCC (2018) a Educação Infantil atende crianças de zero a cinco anos de idade. Este período constitui-se na primeira etapa da educação básica, sendo um período muito rico para o desenvolvimento humano, além de ser determinante para o desenvolvimento emocional e cognitivo de uma pessoa.

Segundo o Ministério da Saúde

A aprendizagem inicia-se desde o começo da vida. Muito antes de a criança entrar na escola, enquanto cresce e se desenvolve em todos os domínios (físico, cognitivo e socioemocional), ela aprende nos contextos de seus relacionamentos afetivos. Especialmente na primeira infância, a aprendizagem é fortemente influenciada por todo o meio onde a criança se encontra e com o qual interage. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014, p. 04).

Sob essa ótica Áries (1986) pontua que ao analisarmos a trajetória da educação na primeira infância podemos perceber que, antes do século XVI, a consciência social não admitia a existência autônoma da infância como uma categoria diferenciada do gênero humano. Os séculos XVI e XVII demonstram uma concepção de infância centrada na inocência e na fragilidade infantil.

No Brasil, no início do século XX, com a expansão do capitalismo, a crescente urbanização e a mudança do padrão de família patriarcal para outros modelos de família, surgiram as primeiras creches e pré-escolas, as quais tinham, a princípio, um caráter assistencialista e filantrópico, com o objetivo de cuidar da criança na falta da família, já que as mães necessitavam trabalhar fora de casa para complementar à renda da família, precisando deixar seus filhos sob os cuidados de alguém.

Segundo Haddad (1991), as creches caracterizavam-se como instituições de caráter emergencial e atuavam de forma precária: onde havia insuficiência de recursos, má-qualidade de atendimento, quadros profissionais deficitários e sem formação específica, além da ausência de legislação e normas básicas de atendimento.

Somente em 1988, com a promulgação da Constituição Federal, a educação passou a ser reconhecida como sendo um direito de todas as crianças e um dever do Estado. Como consequência houve uma expansão no número de escolas e uma melhoria na formação dos

profissionais. E, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB de 1996, a educação infantil é reconhecida como etapa inicial da educação básica.

Apesar dos inúmeros avanços, a educação na primeira infância ainda precisa ser discutida, tendo em vista que até as gerações passadas era muito comum a educação ser associada ao autoritarismo. Para os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (BRASIL, 1998, p.23).

É nessa perspectiva que a Disciplina Positiva também conhecida como Educação Respeitosa, termo que adotarei nesta pesquisa, vem apresentar um modelo educacional e afetivo dentro das relações horizontais entre professores e alunos, tendo como objetivo o desenvolvimento humano integral com autonomia, resiliência, equilíbrio e inteligência emocional, respeitando cada fase do desenvolvimento da criança, sem esperar dela aptidões que vão além da sua maturidade.

Desse modo, acredito que fazer uso das ferramentas da educação respeitosa no âmbito escolar é uma grande oportunidade de descobrir meios de proporcionar à criança uma educação que, antes de tudo, as ajude a se desenvolverem como seres humanos gentis, empáticos e felizes consigo mesmo, tendo suas necessidades e aptidões respeitadas.

O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu a partir de minhas vivências como estagiária em uma creche da rede particular de ensino, onde pude auxiliar o trabalho pedagógico junto a turma do berçário 2 (um ano de idade). Este período de estágio me proporcionou ricas experiências que serviram como base e inspiração para este estudo.

Partindo desse pressuposto, assumo a pesquisa narrativa como suporte para este estudo por acreditar que as narrativas possibilitam a compreensão dos processos de formação que constituem o homem, além de ter a capacidade de provocar mudanças em como as pessoas compreendem a si mesmas e aos outros em um processo de construção e desconstrução das experiências do indivíduo.

Os sujeitos da pesquisa são três profissionais: duas professoras e uma estagiária. As entrevistadas atuam nas faixas etárias de um e dois anos na creche. A creche situa-se no município de Castanhal-Pará.

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa constituem-se em entrevistas, que foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas sem alterações das falas.

No que diz respeito à fundamentação teórica este trabalho tem como base os estudos de autores como Jane Nelsen (2016, 2017, 2018), Philippe Áries (1986), Connelly e Clandinin (1995), Cunha (1997), Mahoney e Almeida (2010), Galvão (1995), Gerhardt (2017), Siegel e Bryson (2015), entre outros.

O referido trabalho foi organizado em três seções: Na primeira, trago um memorial sobre minha experiência como estagiária na creche onde trabalhei como auxiliar do berçário 2, com o objetivo de apresentar um pouco da realidade do trabalho com crianças pequenas e da relação que estabeleci com eles. Além disso, apresento algumas ferramentas da Educação Respeitosa utilizadas durante o período de estágio.

Na segunda seção apresento o percurso metodológico e investigativo utilizado para a realização deste estudo. Ademais faço uma breve apresentação das profissionais, sujeitos da pesquisa, mostrando suas motivações para o ingresso na vida docente.

A terceira seção refere-se aos resultados da pesquisa realizada, onde optei por não separar a discussão teórica da análise dos resultados por acreditar que fazê-lo simultaneamente enriquece a compreensão deste estudo.

Nas considerações finais abordo sobre os conhecimentos adquiridos no decorrer da pesquisa apresentando alguns resultados obtidos por meio das análises das entrevistadas e a relevância de tal tema para uma formação profissional de um futuro professor.

1 - MINHA TRAJETÓRIA COMO ESTAGIÁRIA NA CRECHE E AS BASES DA EDUCAÇÃO RESPEITOSA.

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados.

Maria Isabel da Cunha

Contar histórias, narrar fatos, detalhar acontecimentos sempre foram inerentes ao homem e pode ser considerado o método mais antigo de perpetuação de histórias, crenças e tradições. Segundo Cunha (1997), a narrativa provoca mudanças em como o indivíduo compreende a si próprio e aos demais, além disso, ao distanciar-se dos fatos e colocar-se no lugar de espectador pode analisar e ver a sua história a partir de um olhar mais crítico e reflexivo. Desse modo, acredito que este memorial possibilitará a reflexão e análise de minha trajetória como estagiária, considerando os caminhos percorridos dando-lhes um novo significado.

Tudo começou aos 15 anos de idade. Já cursando o ensino médio comecei a fazer o cursinho pré-vestibular, e em meio às dúvidas de uma adolescente que não fazia a menor ideia do que queria, resolvi pesquisar sobre os cursos de graduação existentes na Universidade Federal do Pará, em Castanhal, e me deparei com o curso de Letras - Habilitação em Língua Espanhola, com o qual fiquei curiosa e me inscrevi.

No ano de 2012 comecei a cursar Língua Espanhola, o curso tinha duração de quatro anos. Foi uma experiência muito enriquecedora, onde pude realizar o sonho de cursar uma universidade, conhecer uma nova língua, uma nova cultura, um novo mundo. Durante a graduação participei de dois projetos de extensão, um dos projetos era dirigido pelo professor Ivan Pereira e se chamava “Español para niños” que tinha como objetivo oferecer oficinas, brincadeiras e jogos para instrumentalizar crianças no ensino da língua espanhola; apaixonei-me pelo projeto e pelo trabalho com as crianças.

Em 2016, após terminar a faculdade de Espanhol fui em busca de um emprego na área, no entanto, nessa mesma época, a Lei nº 11.161, conhecida como “Lei do Espanhol”, foi revogada e diante desse cenário houve uma retirada do espanhol da grade curricular na maior parte das instituições de ensino brasileiras. A revogação dessa lei ocorreu no governo de Michel Temer, em 2016, a partir da Medida Provisória nº 746, que em seu artigo 13 dispõe: “Fica revogada a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005” (BRASIL, 2016). Tal fato fez com que a demanda por profissionais nessa área tivesse uma queda considerável, desse modo

passei um ano sem conseguir emprego. Foi a partir de então que decidi tentar o vestibular mais uma vez, só que agora para o curso de pedagogia.

No ano de 2018 comecei a cursar pedagogia. Optei por esse curso porque me permitiria trabalhar com crianças menores, que era algo que gostava bastante, e também por oferecer uma demanda maior de emprego não só em sala de aula. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) (seria importante você colocar o ano das DCNs)) o curso de Pedagogia abrange:

- a) A formação inicial para o exercício da docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.
- b) Os cursos do ensino médio de modalidade normal e em cursos de educação profissional;
- c) A área de serviços e apoio escolar.
- d) Outras áreas, nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. A formação assim definida abrangerá integralmente a docência, a participação da gestão e a avaliação de sistemas e instituições de ensino em geral, a elaboração, a execução, o acompanhamento de programas e as atividades educativas. (Parecer CNE/CP nº 05/2005, p. 6)

Partindo dessa perspectiva, fica evidente a amplitude da área de atuação do pedagogo. A Pedagogia forma um profissional multidisciplinar, capaz de atuar nos mais diversos processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma Libâneo (2001) afirma que:

O curso de Pedagogia se destina a formar o pedagogo-especialista, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos, para atender demandas socioeducativas (de tipo formal, não-formal e informal) decorrentes de novas realidades, tais como novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação do lazer, mudanças nos ritmos de vida, sofisticação dos meios de comunicação. (LIBÂNEO, 2001, P. 12)

No final de 2020 decidi buscar um estágio na área tanto para adquirir experiência quanto para complementar a renda familiar. O estágio é um dos primeiros momentos em que os discentes são inseridos no contexto escolar, não mais no papel de alunos, mas sim de educadores, tendo a oportunidade de analisar, investigar e interpretar a realidade que os cerca. Por esse motivo o estágio é um momento privilegiado de experiências no processo de formação docente.

Essa transição entre a teoria adquirida na Universidade e a aplicação desses conhecimentos, acontece diante de um processo formativo, no qual os estudantes têm a possibilidade de analisar, investigar e interpretar a sua própria práxis. Essa interação com o “futuro local de trabalho” tem como um dos objetivos possibilitar aos discentes vivências e experiências que lhe servirão como suporte para sua atuação profissional. (AMESTOY e POSSEBON 2016, p.279).

O contato direto dos estudantes com a realidade escolar oferece subsídios para relacionarem teoria e prática, levando-os a vivenciarem o processo de ensino e aprendizagem sob a ótica docente. O percurso de formação docente envolve a adaptação e ressignificação dos conhecimentos já existentes e a construção de novos saberes a partir das vivências de cada indivíduo, que servirão como base para novos desafios que a profissão proporciona.

Em janeiro de 2021 fui chamada na escola ABC (nome fictício), uma escola da rede particular de ensino que atende a pré-escola, creche e o ensino fundamental, funciona com horário parcial e integral, das 07 às 19H, com monitoramento *online*, aulas bilíngue, ballet, Jiu-Jitsu, Inglês e Natação. Os alunos do horário integral recebem lanche, almoço, lanche da tarde e jantar, os de horário parcial da manhã (07 às 13H): lanche e almoço, e os de horário parcial da tarde (13 às 19H): lanche e jantar.

O estágio aconteceu em um período de um ano e um mês, onde fui auxiliar da turma do berçário 2. A turma no turno da tarde era composta inicialmente por 10 bebês e no decorrer do ano chegou a 17, sendo a sua maioria constituída de alunos em horário integral. Quanto à caracterização socioeconômica e cultural, grande parte constituiu-se de classe social média, os quais são filhos de pessoas que trabalham no comércio, na área da saúde e na polícia.

No decorrer do período do estágio acompanhei as seguintes atividades: recepção das crianças que ficavam na escola apenas no turno da tarde e o acompanhamento na sala de vídeo até as 14H, aonde a professora voltava do almoço e íamos para a sala de aula. Os alunos do tempo integral voltavam da sala do sono nesse horário. Em sala fazíamos a roda de conversa, com oração e músicas, após era o horário do lanche, em seguida os alunos, de um a um, iam para o banho enquanto isso eu ficava com os demais brincando com jogos educativos direcionados.

Quando todos já estavam banhados eram feitas as atividades em sala, depois tinha o momento do parquinho. Na volta era a hora do jantar seguido das trocas de fraldas, escovação dos dentes, organização das mochilas e atualização das agendas de cada um. No final do dia as crianças eram levadas para a sala de vídeo para esperar os pais e responsáveis.

Esse estágio foi minha primeira experiência de trabalho e de cuidado com crianças pequenas. No início fiquei bastante insegura, pois não sabia o que fazer com relação aos cuidados, quando estavam doentes ou na hora das birras. Por esse motivo decidi pesquisar mais sobre o universo infantil, ler artigos e ver vídeos no Youtube para conseguir fazer um bom trabalho. Como consumia bastante conteúdo sobre a educação infantil, principalmente

sobre a creche, começaram a aparecer sugestões de vídeos nas minhas redes sociais sobre a Educação Respeitosa, foi aí que conheci alguns influenciadores como:

- a) **Maya Eigenmann:** Maya é mãe do Luca e da Nina, é pedagoga certificada em Disciplina Positiva pela Positive Discipline Association (PDA - USA) e coach de mães pelo Instituto Te Apoio. Autora do livro “*A raiva não educa. A calma educa: Por uma geração de adultos e crianças com mais saúde emocional*”. Além disso, em suas redes sociais @maya_eigenmann (Instagram/Youtube, tiktok e twitter) compartilha seus conhecimentos e experiências sobre autoconhecimento, a busca pelo equilíbrio na maternidade e sobre educação respeitosa.
- b) **Flavia Calina:** Mãe de quatro filhos: Victoria, Henrique, Charlie e Rebecca. Ex-professora de Educação Infantil. Tem o Maior Canal de Educação Infantil no Youtube com oito milhões de inscritos, onde é possível encontrar receitas para crianças, atividades montessorianas, atividade para bebês, viagens, entre outras. Em suas redes sociais @flaviacalina compartilha sua rotina, maternidade, ensinamentos sobre educação positiva, atividades educacionais e atividades para crianças.
- c) **Thiago Queiroz:** Pai de quatro filhos: Dante, Gael, Maya e Cora. É escritor, palestrante, educador parental, psicanalista em formação, criador do site e canal no Youtube Paizinho, Vírgula!, host dos podcasts *Tricô de Pais* e *Vai Passar*, autor dos livros “Abrace seu Filho” e “A Armadura de Bertô”, e participou do documentário internacional “Dads”. Thiago é certificado como líder pela organização *Attachment Parenting International*, e criador do primeiro grupo de apoio oficial no Brasil, a *API Rio*. Além disso, é também certificado como educador parental para a disciplina positiva, pela *Positive Discipline Association*. Atualmente, está fazendo formação em Psicanálise.
O site *Paizinho, Vírgula!* oferece textos e vídeos sobre criação com apego, disciplina positiva e parentalidade consciente. Além disso, Thiago é *host* do podcast *Tricô de Pais* (um podcast focado em paternidade), *host* do podcast *Coisa de Criança* (um podcast exclusivo Spotify e o primeiro podcast no Brasil feito para crianças) e também *host* do podcast *Vai Passar* (um podcast original Spotify feito em parceria com Elisama Santos, sobre relacionamentos e filhos).
- d) **Bruna Tastsch:** Psicóloga e Educadora Parental trabalha como Consultora Parental com abordagem positiva (Disciplina Positiva, Método Montessoriano e CNV) e

Consultora em Encorajamento. Ministra cursos, palestras e workshops on-line e presencial. Realiza treinamentos para professores e babás e ministra diversas Oficinas Infantis, como: Oficina de Páscoa, Oficina das Emoções, Oficina do Dia das Crianças, Oficina de Halloween, Oficina de Natal. Em seu perfil no instagram @disciplinaefetiva compartilha sobre o Método da Disciplina Efetiva e aborda diversos temas sobre parentalidade e desenvolvimento infantil.

Todos esses influenciadores têm em comum uma abordagem educacional e afetiva fundamentada na disciplina positiva e na criação com apego, termos esses que se referem à Educação respeitosa a qual é baseada no respeito mútuo e na cooperação.

De acordo com o site Parent Coaching 2021, a Educação Respeitosa foi popularmente difundida na década de 80, através do livro “Positive Discipline” da Dra. Jane Nelsen, doutora em educação, terapeuta de casais e família, autora (e coautora) de 18 (dezoito) livros sobre desenvolvimento infantil, que a tornaram precursora dessa abordagem educativa, a qual já se faz presente em 50 (cinquenta) países e que é baseada na filosofia e nos ensinamentos de Alfred Adler e Rudolf Dreikurs, filósofos e estudiosos do comportamento humano, que estudaram a infância, as motivações e crenças que influenciam diretamente em como a criança irá se perceber e se comportar, ademais esses autores acreditam que a Educação deve basear-se em princípios de dignidade e respeito mútuo.

A Educação Respeitosa procura reforçar os acertos e não os erros, apoiada na empatia, paciência, compreensão, acolhimento e respeito à individualidade de cada criança. Alguns dizem que se trata de um meio termo entre permissividade (deixar a criança fazer o que quer) e autoritarismo (mandar em tudo na criança). Entretanto, segundo Nelsen (2016) a Educação Respeitosa baseia-se na cooperação e tem seu foco em apoiar o desenvolvimento da autodisciplina, responsabilidade e resolução de problemas das crianças, através da cooperação entre o adulto e a criança, proporcionando um ambiente inclusivo e acolhedor, onde as necessidades da criança são ouvidas e validadas.

Dentro dessa linha teórica existem várias ramificações, como criação consciente, criação com apego, educação não violenta, disciplina positiva, sendo que nenhuma exclui a outra, mas todas se complementam. Essa abordagem socioeconômica busca ajudar pais e professores a construírem relações mais empáticas com as crianças, além de fornecer subsídios para lidar com comportamentos desafiadores e de permitir conhecer as crenças por

trás desses comportamentos, apresentando ferramentas práticas para lidar com eles. Dessa forma, propõe uma disciplina sem violência, culpa ou vergonha.

Ainda existe certa resistência em se conhecer a educação respeitosa. Uma das maiores confusões refere-se ao fato de que, por defender uma educação sem castigos e punições, e por ter o respeito como base nas relações com as crianças, muitas pessoas têm a impressão de que na educação respeitosa não há limites, as crianças podem fazer o que quiserem sem pensar nas consequências. O que não é verdade.

A Educação respeitosa se opõe as práticas tradicionais que defendem que a motivação dos comportamentos humanos se dá a partir de recompensas e punições. Nesse sentido, a Educação Respeitosa é como se fosse um equilíbrio das duas ideias. Cabe ressaltar que há sim o estabelecimento de limites, porém a diferença está em como ele é aplicado.

1.1 O Caso Vitória

Nos primeiros meses de estágio houve uma criança em especial com a qual tivemos (eu e a professora titular) dificuldades em lidar com alguns comportamentos, a chamaremos pelo pseudônimo de Vitória para manter seu anonimato.

Vitória era uma criança muito comunicativa, participativa e carinhosa. Contudo, depois de algum tempo passou a apresentar comportamentos agressivos com os demais colegas, tendo constantes acessos de birras quando contrariada, e mostrava muita resistência em obedecer aos comandos dados por mim e pela professora titular, o que acabava influenciando as demais crianças. Esses comportamentos se repetiram pelas próximas semanas, então decidimos comunicar a psicóloga da instituição que passou a observar a Vitória e posteriormente marcou uma reunião com a mãe da criança.

Durante a conversa, a mãe da Vitória relatou que ela e o marido vinham enfrentando alguns problemas em seu relacionamento e por isso estavam ocorrendo muitas discussões em casa e conseqüentemente na frente da criança. A psicóloga então alertou sobre os efeitos negativos que essa situação pode desencadear em todas as áreas da vida de uma criança.

Estudos sobre os processos familiares indicam que a qualidade da relação parental e a presença de discórdia no ambiente familiar são fatores associados à etiologia de distúrbios emocionais na criança e no adolescente (Cummings, Davies, 2002; Wamboldt 2000 apud Benetti, 2005). É inegável a influência que os adultos, principalmente os pais tem sobre o comportamento das crianças, os quais atuam

como espelhos e se tornam um referencial para eles. Desse modo, cada ação realizada no ambiente familiar é incorporada na maneira da criança agir e pensar.

Gottman (1997) aponta que desde que nascem os bebês têm uma incrível capacidade de absorver insinuações sociais e emocionais de seus pais. Nesse sentido, Rudolf Dreikurs (1971 apud NELSEN, 2017) destaca que as crianças se comportam mal quando se sentem desencorajadas. Para explicitar melhor ele usa a analogia do iceberg, onde a ponta, a parte que está visível, é o mau comportamento e a parte que está escondida, submersa sob a superfície ele chama de “crença por trás do comportamento”, ou seja, a raiz, o motivo pelo qual a criança se comporta dessa maneira. (NELSEN, 2017, p. 17)



Fonte: livro “Disciplina positiva em sala de aula”, Jane Nelsen (2017, p. 17)

Outro ponto relatado pela mãe é que, pelo fato de Vitória estudar na modalidade integral, de 07H da manhã às 19H da noite, tanto ela como o pai acabavam por fazer todas as vontades da criança como uma forma de compensação pelo tempo que ficava longe dela. Afirmou ainda que tinha consciência de que atender todas as vontades da filha não era o certo, mas que preferia atender a todos os desejos da criança, sempre que fosse possível, a ter de lidar com as consequências da negativa. Sobre isso Nelsen afirma que:

Crianças que são criadas com permissividade crescem pensando que o mundo lhes deve a vida. Elas são treinadas a usar toda a sua energia e inteligência para manipular e ocupar os adultos com seus desejos. Elas gastam mais tempo tentando fugir de sua responsabilidade do que desenvolvendo independência e suas capacidades. (NELSEN, 2016, p. 39)

Muitos pais e professores acreditam que só há duas formas de educar uma criança: usando a punição ou sendo permissivo. Nelsen (2016) apresenta a gentileza e firmeza ao mesmo tempo, como conceitos-chave da Educação Respeitosa “Gentileza é importante para mostrar respeito pela criança. Firmeza é importante para mostrar respeito por nós mesmos e conforme a necessidade da situação” (p. 44).

Com base no que foi relatado pela mãe da aluna compreendemos a raiz dos comportamentos desafiadores da Vitória e tomando-os como ponto de partida, agora tínhamos que traçar metodologias para ajudá-la nessa fase. Aprofundei-me em minhas pesquisas e descobri algumas ferramentas da Educação respeitosa e as apresentei à professora titular.

1.2 Ferramentas da Educação Respeitosa:

- Conexão antes da correção.

A conexão significa que damos às crianças nossa atenção e que as respeitamos o suficiente para escutá-las e que valorizamos a sua contribuição para a resolução do problema. Alfred Adler (1978 apud NELSEN, 2018) acreditava que o comportamento humano era motivado pelo desejo de pertencimento (conexão) e autovalor. A conexão que você cria com seu pequeno é de longe a sua mais poderosa ferramenta parental; todo o resto depende da qualidade da relação que vocês têm. (NELSEN, 2018, p. 10).

Com a convivência com os bebês entendi que antes de qualquer coisa você precisa construir uma relação pessoal e afetiva com eles, precisa que eles confiem em você, que se sintam confortáveis e seguros com sua presença. Se essa relação for construída de forma saudável educá-lo e corrigi-lo será um processo mais tranquilo e sem traumas.

A conexão é essencial para que as crianças se sintam encorajadas, e quando isso acontece se tornam mais dispostas e cooperativas. A conexão pode assumir várias formas, seja dizendo um simples “Eu te amo e a resposta é não” ou validando seus sentimentos. A partir dessa ferramenta entendemos que tanto a Vitória quanto as outras crianças necessitavam ser ouvidas, validadas e respeitadas.

Desse modo, acrescentamos em nossa rotina escolar pequenos diálogos onde perguntávamos às crianças como estavam, do que gostavam de brincar, quais seus desenhos preferidos, deixávamos que expressassem suas opiniões sobre os desenhos e atividades que produziam, pedíamos que nos ajudassem com tarefas simples como encher suas garrafinhas, ajudar a guardar os brinquedos, ajudar a higienizar as mãos antes do lanche, a fazer a oração e escolher a música para cantar no momento inicial da aula.

Além disso, ao conversarmos com alguma criança sempre procurávamos nos abaixar e olhar nos olhos, mostrando interesse e respeito. Todas essas mudanças, mesmo que muito pequenas, contribuíram positivamente para a melhoria de toda a turma e de nosso relacionamento com os pequenos. Segundo Nelsen:

Disciplinar crianças pequenas está muito mais relacionado com o que você vai decidir fazer (acompanhando com firmeza e gentileza) do que com o que você espera que seu filho (aluno) faça. (NELSEN, 2018, p.35)

Conexão não é o mesmo que permissividade, e deve ser combinada com limites claros e firmes. Depois de estabelecermos uma conexão saudável e respeitosa com nossos alunos entra a segunda ferramenta: Redirecionamento.

- Distrair e Redirecionar.

O redirecionamento implica focar a atenção das crianças em outras atividades ou estímulos. Desviar o interesse e a atenção de uma criança pequena pode ajudar a evitar situações que poderiam gerar um mau comportamento. Nesse sentido, o ideal é combinar diferentes estratégias educativas e de disciplina, de modo que em cada contexto consigamos, com nossa intervenção, o que estamos pretendendo. Por exemplo, quando as crianças ficam irritadas é importante mostrar algo interessante ou diferente, começar um jogo simples qualquer, mudar o cenário, mudar a conversa. Ao redirecionar o comportamento da criança de forma respeitosa estamos na verdade ajudando a criança a desenvolver a habilidade de resolução de problemas.

Essa ferramenta foi bastante útil em nosso dia a dia na creche, seja nos momentos de birras ou ajudando a evitar situações que poderiam gerar oferecer algum perigo à criança como: subir em mesas ou cadeiras, colocar a mão em tomadas, morder os outros alunos. Aplicar o método da distração é simples, podemos apresentar uma nova atividade, um novo jogo ou brincadeira, ou inclusive demonstrar para a criança algo novo que ela possa fazer com um brinquedo que já tenha.

Um ponto positivo dessa ferramenta é que redireciona a criança a um comportamento útil (colaborativo). Esse fato foi bastante perceptível na Vitória, visto que por natureza apresentava um perfil de liderança, de autoridade, e sempre que estava muito agitada ou desregulada emocionalmente as outras crianças também apresentavam os mesmos comportamentos.

Procure os pontos fortes em todos os comportamentos da criança. Crianças problemáticas geralmente têm ótimas habilidades de liderança. Quando você consegue enxergar isso, vê que não é tão difícil trabalhar com uma criança e redirecionar seu comportamento em uma direção colaborativa. (NELSEN, 2016, p. 179)

A partir dessa ferramenta começamos a redirecionar a energia, o espírito de liderança e a criatividade de Vitória de uma forma positiva dando-lhe pequenas responsabilidades em

sala de aula, ajudando as professoras e os demais colegas. Um episódio, em especial, me marcou bastante, foi no período de sono das crianças, no qual ficavam em uma sala especial com vários colchões e bebês conforto para dormirem.

Em uma determinada tarde as crianças estavam dormindo e havia uma aluna (Lívia) que tinha entrado recentemente na turma e ainda estava em processo de adaptação, por isso ainda chorava com certa frequência. Eu estava trocando a fralda de um outro bebê quando a Lívia acordou e começou a chorar acordando a Vitória também. Ao chegar na sala do sono me deparei com a Vitória deitada do lado da Lívia ninando-a, fiquei observando as duas, passaram-se alguns minutos e as duas adormeceram novamente. Esse pequeno gesto mostrou que quando ofertamos oportunidades para exercerem escolhas e terem responsabilidade, as crianças se sentem importantes e pertencentes.

- Acolhimento e validação

Nunca há apenas uma única maneira de resolver um comportamento desafiador. Dentro da Educação Respeitosa as ferramentas: acolhimento e validação são muito importantes quando lidamos com crianças pequenas, principalmente com bebês. Na concepção de Maudonnet (2010) acolher significa preocupar-se com o outro, ou seja, pré-ocupar-se do outro, planejar situações para o bem-estar daquele que será acolhido.

Já a validação consiste em nomear os sentimentos e permitir que sejam expressos. Validar os sentimentos da criança não é ser permissivo e deixar que faça tudo o que quer, mas é mostrar que não existe sentimento errado ou vergonhoso. Nelsen (2018) destaca que uma vez que os sentimentos da criança são nomeados, validados e compreendidos, ela normalmente se sente melhor e está mais disposta a pensar em soluções.

Houve um episódio na creche onde, após o horário do jantar as crianças eram levadas uma de cada vez para escovar os dentes e trocar as fraldas. Vitória por já comer sozinha estava bem suja, então a levei até o banheiro para limpá-la. Mas ela queria ir para a sala de vídeo deitar no bebê conforto. Lhe expliquei que primeiro deveria escovar os dentes, trocar a fralda e só depois íamos para a sala de vídeo. Após ouvir isso Vitória ficou frustrada e começou um ataque de birra, fiz de tudo para acalmá-la e nada resolvia, com muito esforço consegui apenas limpá-la, mas ainda precisava escovar seus dentes e trocar sua fralda. Nesse sentido Nelsen destaca que:

Crianças pequenas carecem da habilidade de reconhecer e gerenciar suas emoções, e puni-las por essa inabilidade não é justo nem útil (...). Foque em confortar a criança

menor de 3 anos antes de lidar com os problemas. Toque gentil, respiração rítmica ou música suave podem ajudá-la a recuperar o controle. Tudo bem permitir que ela simplesmente expresse seus sentimentos até que eles se dissipem, sem tentar mudá-los ou resolvê-los. (NELSEN, 2018, p. 97)

Tomando como base a citação acima, recordo-me que ao me deparar com tal situação pude recorrer aos conhecimentos que apreendi dos vídeos assistidos que falavam sobre o acolhimento e de sua importância no relacionamento com crianças. Respirei fundo, a peguei no colo e a abracei sem falar nada, ficamos assim por cinco minutos e quando se acalmou sentei com ela e então falei: “Eu sei que a Vitória está chateada porque a tia não deixou deitar no bebê conforto, mas a tia também disse que quando a Vitória escovasse os dentes e trocasse a fralda poderia deitar lá” E apenas balançava a cabeça concordando, em seguida lhe perguntei: “Para gente poder ir à sala de vídeo, você quer trocar primeiro a fralda ou escovar os dentes?” e respondeu que queria escovar os dentes, depois disso pedi um abraço e tudo seguiu tranquilamente. Precisamos ter em mente que:

Na maior parte das vezes, na maioria das famílias, esse acolhimento não acontece. Não aprendemos a criar empatia com o outro, sobretudo com a criança, e julgamos seu choro indevido, inadequado ou desnecessário. Acreditamos que devemos permitir apenas o choro para o qual vemos sentido. Do contrário, o choro deve ser violentamente reprimido. A partir do nosso analfabetismo emocional, nós nos recusamos a ajudar a criança a lidar com os próprios sentimentos. (SANTOS, 2019, p. 27)

Esse é o erro de muitos de nós adultos, julgar o choro da criança como certo ou errado, quando na realidade o que necessita neste momento é que nós, os cérebros maduros da relação, busquemos compreender a raiz, o causador daquele desconforto, dando espaço para que expressem seus sentimentos e emoções, para que saibam que são bem vindos, sejam quais forem.

Como já havia relatado anteriormente, a maioria dos alunos eram de tempo integral e passavam o dia todo na escola, sendo assim, nós, professoras e estagiárias, acabamos por assumir o papel não somente de educadoras, mas também de família. Era comum em alguns casos os bebês nos chamarem de mãe por passarem mais tempo conosco do que com os pais.

No período de estágio pude construir uma relação afetiva com cada criança, pois sempre procurei tratá-las com o maior cuidado e paciência possível. Além de adquirir os conhecimentos do dia a dia da sala de aula, aprendi a identificar cada choro, a acolher e validar os sentimentos das crianças, aprendi a cuidar quando estavam doentes, a ministrar os remédios, a cuidar quando estavam com febres ou quando tomavam vacina, a preparar leite e mingau, os ajudei no desfralde, entre outras situações.

O período de estágio na referida escola me possibilitou vivenciar inúmeras experiências, as quais foram essenciais em minha formação. Pude vivenciar a prática docente em todas as suas esferas, no que se refere aos cuidados, à educação, a instrução, ao acolhimento, a parceria entre professora e estagiária, a confecção de materiais pedagógicos, a implementação de práticas pedagógicas, e principalmente a construção de uma boa relação entre professor e aluno.

É importante ressaltar como foi gratificante vivenciar essa realidade na creche e receber o carinho sincero de cada criança, assim como, poder contribuir em seu processo de aprendizagem. Pois como afirma Libâneo (2001) a educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal.

Dessa forma, assim como minha narrativa e minhas experiências propiciaram um referencial de estudo muito rico para esta pesquisa, acredito que seria de suma importância ouvir relatos e narrativas de outras profissionais que vivenciaram o dia-a-dia da creche a fim de compreender como se dá a relação de afetividade em suas práticas docentes sob a ótica da Educação Respeitosa. Partindo dessa perspectiva foram realizadas entrevistas narrativas para o enriquecimento e compreensão da presente pesquisa.

2 - O PERCURSO INVESTIGATIVO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Nessa seção abordo o percurso investigativo e metodológico assumido para a construção do estudo referente às concepções de afetividade e educação respeitosa na creche. Ademais também será apresentada uma breve contextualização do perfil das três profissionais entrevistadas, com o objetivo de conhecer um pouco da história de como escolheram ingressar na vida docente.

Assumo para este estudo a pesquisa narrativa na perspectiva de Connelly e Clandinin (2000, p. 20) que definem narrativa como "uma forma de entender a experiência" em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno (PAIVA, 2008).

Nessa perspectiva, a narrativa situa-se nos princípios da pesquisa qualitativa, por compreender um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados (MAANEN, 1979a, p. 520).

Assim, o presente trabalho partiu de uma inquietação que surgiu ainda em meu período de estágio na creche ABC onde atuei na turma do Berçário 2. O período de estágio me proporcionou ricas experiências em todos os aspectos da vida docente, e com base em tudo o que vivenciei e aprendi passei a refletir sobre como se estabelecem as relações de afetividade na creche e como essas relações podem influenciar no desenvolvimento dos bebês.

Portanto, constitui o *corpus* desta pesquisa por meio de entrevistas com perguntas abertas, que tiveram como foco empírico a narrativa de histórias orais de professoras, por meio da qual se analisou a relação de afetividade do professor-aluno baseadas nas ferramentas da Educação Respeitosa com crianças da faixa etária de um e dois anos de idade em contexto escolar. As narrativas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas sem alterações.

A creche em questão foi escolhida como campo de pesquisa por ser o local onde pude estagiar durante um ano e um mês. Os sujeitos da pesquisa são três profissionais: duas professoras e uma estagiária. As docentes atuam nas turmas do Berçário 2 (um ano) e do Maternal 1 (dois anos). Todas trabalham/trabalharam na mesma creche.

Os nomes das profissionais, das crianças, assim como o da instituição foram substituídos por pseudônimos, para garantir o seu anonimato.

2.1 Definição do problema de pesquisa

Em que termos se estabelecem relações de afetividade e educação respeitosa entre professoras e estagiária com bebês da faixa etária de um e dois anos de idade e como essas relações podem influenciar no desenvolvimento dos bebês?

2.2 Objetivos

Geral:

Compreender como as relações afetivas e educação respeitosa entre professoras e estagiária podem influenciar no desenvolvimento dos bebês na faixa etária de um e dois anos de idade.

Específicos:

- Conhecer um pouco mais sobre o universo do bebê identificando suas especificidades e habilidades, bem como o que se espera dessa fase.
- Analisar as evidências dos pilares teóricos e metodológicos relacionados aos aspectos afetivos que fundamentam as práticas pedagógicas dos professores sujeitos da pesquisa.

2.3 Perfil das entrevistadas

Joana

Joana tem 30 anos e é formada em pedagogia pela UNIP - Universidade Paulista, uma universidade privada brasileira com campos espalhados por vários estados. Concluiu a graduação em 2017 e há cinco anos desenvolve a função docente na creche ABC. Trabalha atualmente com a turma do berçário 2, com alunos na faixa etária de 1 ano e sua turma é composta por 13 alunos e grande parte da turma é de alunos que estudam em tempo integral.

Joana cresceu desejando o exercício da docência. Desde a infância já sonhava em ser professora, veio do interior de Tomé-Açu e enfrentou muitas dificuldades, teve que sair de sua casa e estudar em outra cidade. Conta que esse período foi bem difícil, teve que aprender a se virar sozinha, mas conseguiu terminar o ensino médio. Veio morar em Castanhal, onde

conseguiu realizar seu sonho, fez faculdade e se tornou pedagoga e conta que hoje é feliz e realizada com a profissão que escolheu.

Desde a infância já sonhava ser professora. Precisei sair da minha cidade, do lugar onde nasci no interior de Tomé-Açu, tive que sair de lá com 18 anos para trabalhar e estudar em Belém porque eu teria mais oportunidades. Sendo assim terminei meu ensino médio. Não foi fácil, porém terminei e vim morar em Castanhal, onde consegui realmente realizar meu sonho. Me tornei pedagoga, consegui um emprego como professora e hoje posso dizer que sou feliz com a profissão que escolhi.

Lara

Lara tem 28 anos, formada pela UFPA - Universidade Federal do Pará - há 3 anos. Trabalhou 7 anos na creche ABC, seis como estagiária e um ano como professora titular da turma do berçário 1, sua turma era composta por 15 bebês. Lara relata que sua escolha pela docência se deu mediante as experiências que teve em sua infância com sua primeira professora, na sua primeira escolinha.

Eu me lembro muito bem da minha professora, de como me ensinava, como me explicava as coisas, então tenho muito essa imagem comigo. Eu sempre admirei muito essa área da pedagogia, dos professores, então depois que fui crescendo, fui entendendo mais e comecei a admirar mais ainda. Então quis isso para mim, quis ser aquela professora que tinha uma paciência, um amor igual a minha professora foi comigo.

Sarah

Sarah tem 21 anos e está cursando o último semestre do curso de pedagogia pela UFPA - Universidade Federal do Pará. Trabalhou na creche ABC durante seis meses na turma do Maternal 2. Atualmente estagia em outra escola, na turma do Infantil 4. Sarah conta que sua escolha pelo curso de pedagogia se deu pela influência de sua mãe.

Eu escolhi o curso de pedagogia porque desde pequena minha mãe falava que eu tinha um lado pedagógico. Sempre dei reforço, então isso é uma coisa que ficou na minha cabeça e aí quando fui prestar o vestibular pensei “porque não tentar? Não sei se eu vou passar. Por que não tentar para um curso que tem na minha cidade, que eu não vou precisar me deslocar para outro local?” E aí acabei passando. Entrei na faculdade, me apaixonei e desde então não pensei mais em fazer outra coisa.

Ao ouvir os relatos das entrevistadas pude perceber que todas tiveram diferentes razões para ingressarem na vida docente, quer seja pelo desejo que nasceu ainda na infância, quer seja pela influência de parentes próximos e principalmente pelo exemplo de profissionais que marcaram de forma positiva sua fase escolar. Tal fato me fez refletir na influência que nós adultos, pais e professores temos sobre as crianças, visto que nos veem como modelos, como referências de como ser, de como agir, de como portar-se. Vygotsky destaca que:

A aprendizagem constitui um elemento necessário e universal no desenvolvimento das características humanas formadas historicamente na criança. Portanto cada professor constrói uma história com a criança, e é através dessa construção que a criança passa a ter confiança no professor, e começa a despertar interesse pelo ambiente escolar. “Se o professor construir um ambiente acolhedor para a criança, ela irá gostar do ambiente escolar”. (VYGOTSKI, 2001, p.115)

O desenvolvimento das relações humanas na infância proporcionará a base para as futuras relações da criança. Diante disso, Sant'Anna (2007) diz que: O professor deve dar especial atenção à imagem que passa de si mesmo para os estudantes. Os alunos estão muito mais atentos às palavras, gestos, comportamentos e aparência dos professores do que se possa imaginar a princípio. Eles nos avaliam e julgam todo o tempo e poderão nos tomar como modelos positivos ou negativos.

Diante disso, considerando a importância e os impactos que as relações humanas e afetivas podem desencadear na vida da criança é essencial que nos aprofundemos nessa questão. Portanto, a seguinte seção irá abordar a partir das narrativas orais das docentes, as concepções de afetividade e Educação Respeitosa no contexto escolar da creche.

3 – A AFETIVIDADE E A EDUCAÇÃO RESPEITOSA NA CRECHE: APONTAMENTOS A PARTIR DOS RELATOS DAS DOCENTES

Nesta seção, serão abordadas as evidências dos pilares teóricos e metodológicos relacionados aos aspectos afetivos que fundamentam as práticas pedagógicas das profissionais, que atuam ou já atuaram com crianças da faixa etária de um e dois anos de idade em contexto escolar, sob a ótica da educação respeitosa.

Tomando como base as narrativas orais das professoras e da estagiária, sujeitos da pesquisa, foi possível extrair algumas temáticas de suma importância para que o vínculo entre professor e aluno seja baseado em afetividade e respeito mútuo. A seguir trago as análises das falas das profissionais, acompanhadas da fundamentação teórica e de minha visão sobre elas.

3.1 O aspecto afetivo e a relação professor/aluno

Tomando o aspecto afetivo como referencial de nossa pesquisa tendo em vista sua importância na primeira infância, pedi para que as profissionais comentassem sobre como descrevem a afetividade.

Para você o que é afetividade?

Afetividade é o que sinto pelas crianças quando entro em sala, aquele abraço puro e verdadeiro que recebo todas as manhãs, um “tia eu te amo”, um “obrigada professora por ajudar meu filho (a) com as atividades”. Afetividade são laços criados entre professores e alunos. (JOANA)

Falando um pouquinho de afetividade, a afetividade para mim é querer bem o outro, é reconhecer como importante, é cuidar, é você se importar, é zelar pelo bem-estar, pelo cuidado mesmo com a criança, para mim isso é afetividade. (LARA)

Bom, o termo afetividade, se a gente for pesquisar, fala sobre a capacidade do ser humano de ser afetado tanto positivamente quanto negativamente, mas para mim afeto é cuidar, é zelar, é você proporcionar, principalmente quando se fala em afeto na educação infantil ou nas escolas em geral, é você preparar o espaço para receber a criança, um espaço acolhedor. A gente precisa entender que a escola é onde a criança passa a maior parte da infância e da adolescência, ou grande parte, então a escola precisa ser um lugar acolhedor, os professores precisam tratar a afetividade como uma pauta principal. (SARAH)

Constata-se, a partir das falas dos sujeitos, que a afetividade está diretamente ligada às expressões de afeto tanto proferidas pelo adulto quanto pela criança, ao zelo, ao cuidado, à confiança, ao carinho construído em meio das relações que são estabelecidas e com a importância que o outro tem para mim.

Afetividade refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente pelo seu meio. É um dos conjuntos funcionais do indivíduo e atua em conjunto

com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. (SALLA, 2011 p.1).

Mahoney e Almeida (2010) definem afetivo como:

Podemos entender "afetivo" aqui como a capacidade de afetar o outro, contagiando-o para o atendimento a uma solicitação. O bebê afeta o meio que o circunda, obtendo respostas deste para suas necessidades. (MAHONEY; ALMEIDA, 2010, p. 25)

Mahoney e Almeida (2010) ainda destacam que as trocas afetivas que o bebê vivencia permitirão que ele estabeleça associações e dê significado ao que apreende do seu meio. Ademais, tais trocas possibilitarão que concretize suas atitudes e que sua curiosidade seja aguçada, surgindo assim os primeiros sinais de cognição. Em seus primeiros meses de vida a emoção se torna o instrumento de comunicação e sobrevivência da criança e esse instrumento tem a função de mobilizar o ambiente para atender às necessidades do bebê. Dessa forma, seus movimentos corporais, o choro, o sorriso são capazes de atuar sobre o entorno estabelecendo um campo de comunicação e um vínculo entre o bebê e o seu meio.

Ressaltando a fala de Sarah, “os professores precisam tratar a afetividade como uma pauta principal” visto que,

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que muitas vezes estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais, e até comportamentos agressivos na escola, hoje em dia seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz. (CUNHA, 2008, p. 51)

Em suma, a afetividade deve estar sempre presente na sala de aula, sendo um fator essencial para o vínculo entre professor e aluno, pois como já abordado nas seções anteriores, a qualidade da relação que estabelecemos com as crianças influenciará positiva ou negativamente em todas as outras áreas de sua vida.

As entrevistadas destacaram em suas narrativas que o trabalho docente, especialmente na faixa etária da creche, apesar de ser bastante desafiador é muito gratificante por saberem que estão ajudando na formação de pequenos seres humanos, ajudando a desenvolverem habilidades de vida, de convívio em sociedade e de respeito ao próximo. Diante desse fato as professoras se mostraram reflexivas sobre suas práticas como docentes, suas metodologias e sobre o tipo de profissionais que estavam sendo até aquele momento. Como pode ser exemplificado na fala de Joana:

Amo meu trabalho, saber que estou ajudando na formação deles, na educação, ensinando a respeitarem um ao outro. Cada aluno nos ensina de uma forma, nos ensinamos e aprendemos ao mesmo tempo, e isso tudo é muito gratificante. (JOANA)

Desse modo, fica evidente que a qualidade da afetividade construída na relação professor-aluno é determinante no processo de ensino aprendizagem e no desenvolvimento do aluno, já que é essencial para dar subsídios à criança para que consiga manipular a realidade e estimular a sua função simbólica. Costa e Souza (2006) afirmam que “um professor que não seja afetivo com seus alunos, fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios e deixará de criar um ambiente rico em afetividade.” (p.12).

Construir vínculos não é uma tarefa simples, cabe ao educador ter paciência, perseverança e principalmente, posturas didáticas que deixem o aluno mais confortável para se expressar. Uma boa forma de estabelecer relações afetivas com os alunos é demonstrar interesse por eles, pelo que pensam e sentem. Se a existência do vínculo e dessas relações favorecem a criança em diversos aspectos, a sua falta pode comprometer o desenvolvimento infantil na mesma proporção. Nesse sentido, Lara acredita que:

quando a gente faz nosso trabalho com amor, com carinho, quando gosta da área que a gente está, acabamos fazendo com mais afínco. (LARA)

De acordo com a fala de Lara, quando há um esforço do professor em vincular-se e em reconhecer quem é a pessoa por trás de cada estudante, a aprendizagem ocorre de maneira prazerosa, o aluno se sente seguro, mais calmo e tranquilo, isso o fará participar com mais entusiasmo das atividades propostas pelo professor, fará com que seja mais receptivo e mais carinhoso, e isso pode ser percebido através de pequenos detalhes como:

O carinho que eles demonstram, a admiração que eles têm pela gente, as trocas, ver eles aprendendo e evoluindo, cada dia uma nova descoberta, quando os olhinhos deles brilham quando eles aprendem alguma coisa, isso para mim vale muito (SARAH)

Por fim, quando se fala em vínculos saudáveis entre o bebê e o professor, é fundamental que, além de considerar aspectos emocionais e afetivos, considere-se também o estágio de desenvolvimento em que ele se encontra. É preciso estar atento às necessidades de cada momento, bem como às aptidões que é capaz de desenvolver de acordo com sua idade e maturidade.

3.2 Previsibilidade Ritual

Porque afeto é você também estar preparado para receber aquela criança, as suas deficiências, os seus comportamentos, quem ela é. Demonstrar afeto começa desde a preparação das aulas, como você pensa nas metodologias para poder atender a todos. (SARAH).

A fala de Sarah me chamou a atenção pelo fato de não restringir a afetividade apenas as trocas e demonstrações afetivas. Na sua visão a afetividade começa na preparação de todo o ambiente para receber o seu aluno, na escolha das metodologias que melhor se encaixam em cada turma, na adaptação e ressignificação de suas atitudes como docente, na construção de uma figura adulta que a criança possa confiar e no cuidado de deixá-los confortáveis no meio escolar.

O afeto precisa estar inserido não só no tratamento e convívio escolar, mas deve estar presente nas metodologias, na preparação do conteúdo escolar e na forma de aplicá-los, já que sua ausência pode gerar impactos e distanciamento entre o aluno e o conteúdo, impedindo que aconteça naturalmente.

Segundo Thiessen e Beal (1998, p. 10) o período da educação infantil é muito importante para a criança, pois possibilita “a construção dos alicerces de sua afetividade, socialização e inteligência e, conseqüentemente, de seu desenvolvimento integral e harmônico”. Quando a criança passa a integrar o contexto escolar ela amplia a sua vida afetiva e estabelece novas relações sociais tanto com os educadores como com as outras crianças.

A infância é o momento em que a criança está formando sua personalidade, construindo seu caráter e adquirindo a concepção de sociedade, desse modo, a escola permite que ela saia do círculo familiar e interaja com novas pessoas, novos ambientes, com diferentes adultos, onde todas as formas de interação vão lhe possibilitar aprendizagens. Nesse processo o vínculo e as relações afetivas são um grande aliado em seu desenvolvimento e aprendizagem, a criança aprende melhor quando tem uma relação de confiança com o professor. Por esse motivo Joana afirma que:

Tem todo um cuidado com as crianças para que elas se sintam bem e queiram voltar novamente para escola, tem os momentos em que damos colo, pois elas também precisam de carinhos e abraços. (JOANA)

Desde o momento em que a criança começa a frequentar a escola, ela é apresentada a um novo universo de socialização. Nesse sentido adentramos em um ponto muito importante, unanimemente destacado pelas profissionais: a importância da previsibilidade ritual, ou seja, das rotinas em sala de aula. Como destacado a seguir:

Falando um pouquinho do trabalho com as crianças pequenas, para trabalhar com as crianças nós temos uma rotina. O que seria isso? A rotina das Crianças seria primeiramente a acolhida, aquele momento em que a criança está chegando na escola, na creche, então o professor vai estar recebendo essa criança. Aí vem o segundo momento que a roda de conversa, a roda de conversa é o que? É aquele momento em que nós vamos estar conversando com essa criança, perguntando como foi seu dia, o que ela fez, fazendo a chamadinha assim os amiguinhos ficaram sabendo o nome dos outros. Depois temos a hora da história, que é um momento que escolhemos uma historinha para contar, que vai estar trabalhando a fala das crianças, a imaginação, depois vem o momento da atividade, é aquela atividade proposta que está no Diário escolar. Depois temos o pré-lanche que a higienização, nós vamos estar aqui cantando as musiquinhas do lanche, lavando a mãozinha e depois temos o horário do lanche. Depois do lanche vem a escovação, depois temos mais uma atividade que fazemos em sala de coordenação motora e depois tem um momento de ir para casa. (LARA)

Rotina: acolhimento das crianças em sala de vídeo das 7 às 8, depois das 8 horas vamos para sala de aula e começamos nossa rotina com musicalização, contação de histórias, lanche, atividades e higiene pessoal. (JOANA)

Eu acredito que para se estabelecer uma boa relação com os alunos é preciso se preparar, estabelecer uma rotina, para que entendam que tudo tem sua hora certa para acontecer. (SARAH)

Para as entrevistadas, o estabelecimento das rotinas permite que a criança se situe e que entenda como funciona aquele novo lugar e as novas relações que serão ali estabelecidas. As atividades diárias, quando feitas de modo que podem ser esperadas, formam o pano de fundo da previsibilidade e da conexão, o que passa a ser a experiência de vida da criança (NELSEN, 2018, p.120).

Segundo Nelsen (2018) crianças pequenas aprendem melhor por repetição e consistência. Portanto, cada atividade proposta no planejamento pedagógico deve ter como objetivo educar e utilizar o tempo como aprendizado. Logo, os rituais, contribuem como elementos importantes para fortalecer e desenvolver a confiança (...). Eles confirmam para a criança a sua experiência de que o mundo é um lugar previsível e confiável, e que, ao mesmo tempo, lhe transmitem segurança e proteção (p.121).

Rotina, de acordo com a educação respeitosa, não é fazer todos os dias as mesmas coisas de forma monótona, significa ajudar a criança a desenvolver habilidades de vida como: organização, cooperação e autonomia. Portanto, falar de rotina na creche não significa preencher o dia das crianças com várias atividades para que fiquem ocupadas, mas trata-se de ações pedagógicas orientadas para o auxílio de seu desenvolvimento pessoal.

Para que uma criança desenvolva confiança, a vida deve se tornar previsível, e esse é o papel das rotinas. Estabelecer rotinas é uma parte importante nos primeiros meses e anos (...). Contudo, as rotinas serão testadas ao longo do caminho, ao passo que a criança cresce e se desenvolve. (NELSEN, 2018, p.120)

Essa previsibilidade ritual permite que a criança se oriente na relação espaço/tempo, reconhecendo seu andamento, opinando e dando sugestões, propondo mudanças. Segundo Mantagute (2008), pode ser definida como uma categoria pedagógica utilizada nas instituições educativas para auxiliar o trabalho do educador, sobretudo, para garantir um atendimento de qualidade para as crianças. Ademais, as rotinas possibilitam que a criança sinta que pertence aquele lugar, e esse sentimento de pertencimento a torna mais confiante e mais participativa.

3.3 Comportamentos desafiadores e o afeto

Em meio às narrativas das professoras foi possível extrair de suas falas que, um dos momentos mais difíceis para o estabelecimento da afetividade com o aluno é o famoso momento das “birras”, aquele momento em que a criança age de forma desafiadora.

Vejamos os relatos das professoras e da estagiária:

As crianças estão em constante desenvolvimento de pensamentos e emoções, e elas tentam nos mostrar isso. De certa forma, têm muitas que fazem a famosa “birra” se é retirado ou negado algo que elas queiram. Naquele momento elas choram, se jogam no chão, batem (em outros colegas) e ficam muito bravas. (JOANA)

Tem um aluno na sala de aula que foi diagnosticado com autismo e ele é muito imperativo e é também um pouco agressivo. Então quando ele não tem alguma coisa na hora que ele quer ou quando tem que fazer alguma coisa que é rotina da sala que ele não quer, ele acaba se tornando um pouquinho mais agressivo. Acho que acaba dificultando um pouquinho essa nossa relação, logicamente eu lido com ele todo dia, a gente tem uma relação de carinho, mas nesses momentos em que ele se torna mais agressivo, eu me sinto ainda pouco perdida. (SARAH)

Um dos momentos mais complicados, na minha opinião, é quando eles fazem birra, quando não damos o que eles querem, quando chamamos a atenção deles por algum motivo, e pelo fato de serem bebês temos que tentar entendê-los e ter muita paciência. (LARA)

Segundo Cordeiro (2011) as birras são a expressão de uma multiplicidade de sentimentos, caracterizadas por uma grande variedade de comportamentos, como o choro, gritos, estenderem-se no chão, tendo sido resumidas como um episódio emocional breve, mas intenso, distinto pela sua explosividade, impulsividade e mostras de emoções descontroladas.

De acordo com Nelsen, essa birra é normal, como afirma a seguir:

Na maioria das vezes, as crianças pequenas estão apenas “agindo como crianças”, e não se comportando mal. Muitos pais e professores não conhecem o suficiente sobre comportamento humano e desenvolvimento infantil e, por esse motivo, tratam comportamentos adequados à idade como mau comportamento. (NELSEN, 2016, p. 97)

É por meio das emoções geralmente influenciadas pelas sensações internas e pelas provenientes de seu meio social que o bebê comunica que algo o afeta positiva ou negativamente. Destarte, é importante falarmos das motivações, do que há por trás desses comportamentos. Olhando de perto, você verá que mau comportamento nada mais é que falta de conhecimento (ou consciência), uma ausência de habilidades eficazes e comportamentos adequados do ponto de vista do desenvolvimento, desencorajamento. Um bom começo é entrar no mundo da criança para compreender mais sobre comportamento desencorajador (NELSEN, 2016, p. 97, 98).

Dessa forma, surgem os questionamentos: Como lidar com as birras de forma afetuosa e respeitosa? É possível ser firme e respeitoso ao mesmo tempo? Acredito que antes de optar por essa ou aquela metodologia ou se definir se esse ou aquele comportamento é aprovado ou reprovado, é preciso compreender como a criança se desenvolve, como as suas relações e trocas afetivas com o meio e com o outro são estabelecidas e como sua aprendizagem acontece, levando em consideração sua faixa etária e desenvolvimento.

Compreender cada fase do desenvolvimento impedirá que você leve o comportamento do seu filho (aluno) para o lado pessoal e reaja de forma a sufocar sua crescente noção de si mesmo. (NELSEN, 2018, p.140)

Nessa perspectiva, faz-se necessário o estudo de algumas particularidades que envolvem o universo infantil, a fim de compreender como se dá o seu desenvolvimento e aprendizagem. De acordo com Sue Gerhardt (2017, p. 81):

Não é bom tentar “disciplinar” um bebê ou esperar que ele controle o seu comportamento, uma vez que a capacidade do cérebro em fazê-lo ainda não existe (...). Ao nascimento, suas capacidades são majoritariamente potenciais, não reais. O que precisa ser escrito em letras garrafais é que o córtex órbita frontal, que representa grande parte do que é ser humano, desenvolve-se após o nascimento e não começa a amadurecer até a primeira infância.

Dessa forma, é importante ressaltar que o bebê por não ter o cérebro totalmente maduro, não é capaz de compreender cuidadosamente certas situações e limitações, contudo não é necessário esperar que ele atinja o nível de maturidade cerebral para ser ensinado e estimulado. O cérebro de cada indivíduo é moldado a partir de suas experiências, e se desenvolve a partir de estímulos, brincadeiras e interações, e saber a forma como conduzimos a sua aprendizagem pode nos ajudar a torná-los mais fortes, proporcionando uma base feliz e saudável.

Inicialmente, as emoções vêm como descargas desorganizadas e é com o passar dos anos que a criança vai aprendendo a organizar essas emoções de uma maneira mais complexa.

Mas porque se faz necessário compreender a raiz dos comportamentos desafiadores? De acordo com Nelsen (2016) é útil saber qual o objetivo (e crença) equivocada para que você saiba qual é a ação mais eficaz para ajudar as crianças a alcançarem seu objetivo verdadeiro de aceitação e importância.

Portanto, pedi às entrevistadas que comentassem sobre como lidam com os comportamentos desafiadores (birras) das crianças no dia a dia, quais metodologias e ferramentas utilizam. Vejamos o que respondeu Joana:

o que fazemos é: explicar para ela que aquele não é o momento adequado para que ela esteja com os brinquedos. Fazendo isso dar a liberdade de ela perceber que tem um momento para brincar, fazer isso toda vez que o caso se repetir. (JOANA)

Destaco aqui a importância de ser claro, firme e gentil com a criança. Somado a isso, o estabelecimento dos combinados, da rotina, do que é permitido ou não, servem como auxílio nesses momentos, já que crianças pequenas aprendem melhor por repetição e consistência (NELSEN, 2018, p.80).

Por outro lado, Lara lida com a birra de outro modo:

O que procuro fazer nesses momentos é primeiramente me acalmar e depois tento acalmá-los e só depois explico para eles o porquê de ter dito não ou de não ter deixado que eles façam tal coisa. (LARA)

Segundo Santos (2019) a birra é uma explosão emocional. As emoções são tão intensas e fortes na criança que ela simplesmente não consegue lidar adequadamente com elas. Além disso, destaca que a criança que chora não precisa de julgamento ou repressão, mas sim de acolhimento. Aceitar o sentimento que surge, sem determinar se é bom ou ruim, não significa dar à criança o que ela quer, para que não chore. Nesse sentido, Sarah também tem um modo específico de tratar a birra das crianças:

Uma coisa que eu utilizo é levar a criança para um espaço, normalmente em sala de aula como são muitas crianças, eu levo elas para dentro do banheiro, falo respira, pego a água delas, a garrafinha de água que elas levam para escola, falo bebe um pouquinho de água, respira com a tia, eu respiro junto com ele, para eles poderem se acalmar para mim entender o que está acontecendo, porque nem todas as vezes a gente entende que eles estão frustrados, o que foi que aconteceu que às vezes é um coleguinha que olha torto, ou é alguma coisa que a gente fala que a gente não percebe e ele ficou chateado, e a gente precisa entender o porque tá acontecendo aquilo, então normalmente eu faço isso, eu afasto eles da multidão da sala e levo eles para um canto mais calmo que normalmente é o banheiro, converso, digo para eles respirarem, respiro junto com eles, eles bebem um pouquinho de água, se acalmam, me explicam o que está acontecendo, quando acontece, porque as vezes eles não querem falar e aí eu falo: -Você quer um abraço? A tia tá aqui, você quer conversar? Se você não quiser tudo bem, a tia deixa você um pouquinho quietinho, então ele

sabe que eu tô ali para escutar eles, então qualquer coisa que acontece é assim que a gente tenta resolver. (SARAH)

É de fato muito interessante a forma e a metodologia como cada profissional lida com tais comportamentos desafiadores, entendendo que não há apenas uma maneira de lidar com eles, mas cabe a cada docente perceber e investigar o que se adequa a determinada situação e procurar aplicá-los de maneira respeitosa e afetuosa.

Desse modo, entende-se que, por ser natural e própria da criança, as “birras” não devem ser contornadas, mas sim acolhidas, entendidas como um processo de amadurecimento, sendo assim, é essencial olhar para a criança, respirar fundo, abaixar, olhar nos olhos e dizer que você está ali, é você acolhê-la, conduzi-la, ajudá-la a se regular emocionalmente, mostrar para ela que tem outras opções para se acalmar: nosso colo, nosso carinho, nossa atenção e que juntos podemos lidar com isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito fazer uma abordagem acerca das concepções de afetividade e Educação Respeitosa no contexto da creche, onde se buscou compreender como se estabelecem as relações de afetividade e como essas relações podem influenciar no desenvolvimento dos bebês. Durante toda a produção procurei evidenciar, a partir das narrativas das professoras e de minha trajetória na creche, a importância da construção de uma educação mais acolhedora, respeitosa, e acessível, que utilize a firmeza aliada à gentileza.

Com o auxílio de teóricos e com base, principalmente, nas narrativas das professoras foi possível apreender que nós, adultos, somos para as crianças referenciais, como tal devemos educar com respeito, estabelecendo sim limites, mas com conexão verdadeira e laços de afeto e confiança mútua com as crianças.

Nesse sentido, a educação respeitosa por ser um modelo educativo composto por firmeza, afeto e empatia, constitui-se em uma excelente ferramenta tanto para pais quanto para professores. Trata-se de uma escolha mais respeitosa na forma de conduzir a criação, de colocar os limites necessários e de estabelecer diálogos e cooperação com a criança.

No decorrer da pesquisa foi perceptível a importância de se conhecer sobre o universo infantil, principalmente do bebê, ademais de buscar compreender a crença por trás de seus comportamentos, visto que, como seres sociais, nossos comportamentos acontecem por uma razão, e as crianças começam a criar as crenças que formam as suas personalidades desde o seu nascimento. Somado a isso, entender o desenvolvimento infantil e o que esperar em cada fase de desenvolvimento, nos darão uma base necessária para que não tenhamos expectativas que estão além da capacidade e compreensão da criança.

Cada estágio é importante em si e, quanto melhor for vivenciado, contribuirá para o estágio posterior. O estudo da criança contextualizada em estágios possibilita a percepção da relação entre as suas particularidades e as de seu meio, visto que em cada idade, um tipo particular de interação entre o sujeito e seu ambiente é estabelecido.

Quando nos permitimos conhecer mais sobre o desenvolvimento infantil e os impactos que a afetividade tem não só em sua aprendizagem, mas também na construção do seu eu, da sua personalidade, entendemos que crianças agem melhor quando se sentem melhor. NELSEN (2016) nos deixa uma reflexão: “de onde tiramos a ideia absurda de que, para levar uma criança a se comportar melhor, antes precisamos fazê-la se sentir pior?” As crianças

estão mais motivadas a cooperar, a aprender novas habilidades, a oferecer afeto e respeito quando elas se sentem encorajadas e amadas.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillippe. História Social da Criança e da Família. 2ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Guanabara, S.A. 1986.

AMESTOY, Micheli Bordoli. POSSEBON, Natália Borba. **A importância do estágio no desempenho da docência**. CCNEXT v.3 Ed. Especial- XII EIE- Encontro sobre Investigação na Escola, 2016, p.278– 281. Disponível em:

http://coral.ufsm.br/ideia/images/producao/ccnext_amestoypossebon_2016.pdf

BRASIL. Leis, Decretos, etc. Constituição da República do Brasil. São Paulo: IMESP, 1988.

BRASIL. Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016. Brasília, set. 2016.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm.

Acesso em: 8 de nov. 2022

BRASIL _ Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 5/2005**.

BENETTI, S.P.C. Conflito Conjugal: Impacto no Desenvolvimento Psicológico da Criança e do Adolescente. 2005. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/prc/a/8z7BqGvXbnbppD5vdw4H8qy/?format=pdf&lang=pt>> .

Acesso em: 22/11/2022

Cordeiro, M. (2011). O grande livro dos medos e das birras (1ª Edição). Lisboa: Esfera dos Livros

COSTA, Keila Soares da; SOUZA, Keila Melo de. O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br>. Acesso em 26 março. 2015.

CONNELLY, F. M. E CLANDININ, D.J. Relatos de Experiência e Investigación Narrativa. In: LARROSA, J. (org.). (1995). Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

CUNHA, Maria Isabel da. CONTA-ME AGORA! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. R. Fac. Educ, São Paulo, v.23, n.1/2, p.185-195, jan./dez. 1997

CUNHA, Antônio Eugênio. Afeto e Aprendizagem, Relação de Amorosidade e Saber na Prática Pedagógica. Rio de Janeiro: Wak 2008.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogênese de Wallon.** In LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogênicas em discussão.** Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992. Disponível em : <https://www.gruposummus.com.br/wp-content/uploads/primeiras-paginas/11126.pdf>

DUARTE, Márcia Pires; GULASSA, Maria Lúcia Carr Ribeiro. Estágio Impulsivo Emocional. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). Henri Wallon: psicologia e educação. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010. p. 19- 29.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância na Aprendizagem. Comitê Científico, Núcleo Ciência pela Infância, Brasília, 2014.
HADDAD, L. A creche em busca de identidade. São Paulo: Loyola, 1991

EVANS, Judith L. Cuidados de Saúde: O cuidado necessário para sobreviver e prosperar. Notebook do Coordenador, (13): 1-18, 1993

GALVÃO, Izabel Henri Wallon : uma concepção dialética do desenvolvimento infantil/Izabel Galvão. - Petrópolis, RJ ; Vozes, 1995. - (Educação e conhecimento)

GERHARDT, Sue. Porque o amor é importante: Como o afeto molda o cérebro do bebê. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. Educar, Curitiba, n.17, p.153-176. 2001. Editora da UFPR. Universidade Católica de Goiás.

MAANEN, John, Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface, In Administrative Science Quarterly, vol. 24, no. 4, December 1979 a, pp 520-5261

MAUDONNET, J. Adaptação acolhedora. 2010. Disponível em: . Acesso em: 24 nov. 2022.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). Henri Wallon: psicologia educação. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010.

MAHONEY, Abigail Alvarenga & ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** Revista da Psicologia da Educação, nº 20 – 2005.

MANTAGUTE, ELISÂNGELA L.L. Rotinas na Educação Infantil. Disponível em: http://200.195.151.86/sites/educacao/images/stories/elisangelarotinas_na_educacao_infantil.pdf. Acesso em 03/07/2012.

NELSEN, Jane. Disciplina positiva: O Guia Clássico para Pais e Professores. 3. ed. Barueri . São Paulo. 2016.

NELSEN, Jane. *Disciplina positiva para crianças de 0 a 3 anos : como criar filhos confiantes e capazes* / Jane Nelsen, Cheryl Erwin, Roslyn Ann Duffy ; tradução Bete P. Rodrigues, Fernanda Lee. – Barueri, SP : Manole, 2018.

NELSEN, Jane. *Disciplina positiva em sala de aula : como desenvolver o respeito mútuo, a cooperação e a responsabilidade em sua sala de aula* / Jane Nelsen, Lynn Lott, H. Stephen Glenn ; tradução Bete P. Rodrigues, Fernanda Lee. – 4. ed. rev. e ampl. -- Barueri, SP : Manole, 2017.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *A pesquisa narrativa: uma introdução*. Rev. bras. linguist. apl. 8 (2), 2008. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001>

SANTOS, Elisama. *Educação não violenta [recurso eletrônico]: como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina, resiliência em você e nas crianças* / Elisama Santos. – 1. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2019.

SALLA, Fernanda. **O Conceito de afetividade de Henry Wallon**. novaescola@fvc.org.br. Outubro 2011. novaescola@fvc.org.br

Sant'ANNA, Alan Schlup. *O professor é referência*. São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://alansantanna.com.br/o-professor-e-referencia/>> . Acesso em: 09 de dezembro de 2022.

SIEGEL, Daniel J. BRYSON, Tina Payne. *O cérebro da criança: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar*. 1. ed. São Paulo: nVersos, 2015

THIESSEN, Maria Lucia; BEAL, Ana Rosa. *Pré-Escola, Tempo de Educar*. São Paulo: Ática, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996. Vigotski (2001b, p.115. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742004000300007>

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/ SEF, 1998.

Parent Coaching 2021. *Disciplina Positiva*.

<https://parentcoachingbrasil.com.br/disciplina-positiva/>

<https://www.edujuntos.com/quemsomos>

<https://paizinhovirgula.com/sobre/>

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____ portador da Carteira de identidade N° _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos das respostas da minha entrevista gravada em áudio para serem usados integralmente ou parcialmente, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da forma, autorizo a sua audição e transcrição para ser utilizada como instrumento de coleta de dados na pesquisa conduzida pela graduanda Elizama Oeiras Dias e orientada pelo professor Msc. Adriano Sales dos Santos Silva.

Castanhal, ____ / ____ / ____

Entrevistada